

A obra colectiva **SABERES E PRÁTICAS EM TORNO DO ADOECER DA ALMA E DO CORPO** resulta da congregação de um conjunto de textos originais de especialistas que têm a história da medicina, da farmácia e das ciências da saúde como o tópico preferencial da sua actividade científica.

CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DO SÉCULO XX  
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA-CEIS20 / GRUPO DE HISTÓRIA E SOCIOLOGIA  
DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA - GHSCT

Figura da capa: Postal publicitário ao "Alcool de menthe de Ricolés" (primeira metade do séc. XX)

# SABERES E PRÁTICAS EM TORNO DO ADOECER DA ALMA E DO CORPO



ANA LEONOR PEREIRA  
JOÃO RUI PITA  
(Eds.)



*Ana Pereira*

ANA LEONOR PEREIRA  
JOÃO RUI PITA  
(Eds.)

**SABERES E PRÁTICAS EM TORNO DO ADOECER  
DA ALMA E DO CORPO**

COIMBRA

CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DO SÉCULO XX  
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA-CEIS20 / GRUPO DE HISTÓRIA E SOCIOLOGIA  
DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA – GHSCT

2013



Au-delà du contexte religieux, dans la sphère de la santé, le choix des patients en matière de soignant est largement respecté à la fois par les praticiens agrégés et par les autorités politiques et médicales. Un patient n'est réprimandé que lorsqu'il choisit un soignant réputé dangereux ou recourant à des procédés illicites, tels la divination. La répression révèle des pratiques, mais seules celles qui sont ébruitées... A cet égard, une fois de plus, les frontières que l'historiographie tente de distinguer, voire de créer, entre soignants, sont floues. Le cas du chirurgien Pierre Blandin<sup>1</sup>, qui en 1640 fait examiner les urines de son oncle, médecin réputé, par une devineresse savoyarde non moins réputée, est probant à cet égard. Il est symptomatique de la porosité des limites professionnelle et de la richesse du marché thérapeutique genevois. Des échanges entre un chirurgien et un rebouteux, ou entre un vendeur de remède itinérant et un apothicaire sont possibles. Ces échanges, bien que peu documentés, méritent d'être étudiés<sup>2</sup>. Un guérisseur ou un magicien peuvent conjointement pratiquer la divination tout en recourant aux procédés et à la pharmacopée des praticiens réguliers. A un niveau ou à un autre, ces soignants pratiquent l'écoute du patient, l'observation de son corps, l'analyse des urines et la palpation de son pouls, ils prescrivent des saignées et vendent des médicaments, le plus souvent les mêmes que celles trouvées dans la pharmacopée locale, soit des purgatifs et des vomitifs.

En définitive, cette focalisation sur les actes et les acteurs du marché thérapeutique montre que tant les pratiques que les savoirs ne sauraient être compartimentés. Un récit qui chercherait à rendre compte de l'histoire de l'offre médicale sur une durée longue devrait ainsi prendre en compte de nombreuses variables. Parmi elles figurent les règlements successifs sur l'offre de soins et l'accès à la pratique, réédités régulièrement depuis 1569. Ils donnent bien une base légale aux pratiques de ceux qui sont agrégés. La façon dont ces règlements sont appliqués doit aussi être prise en considération. Ici, des arrêts sur image sur des figures concrètes et bien étudiées (comme Osée Baccuet, Louis Odier et Louis Jurine) permettent de mettre de véhiculer la réalité pratique qu'induisent à la fois les règlements et l'esprit dans lequel ils sont interprétés. L'offre médicale est fortement conditionnée par le fait qu'il demeure relativement facile d'obtenir une licence temporaire de pratique pour celui qui connaît le système et bénéficie d'un peu d'argent voire d'un patron influent. Ici aussi, des exemples mais aussi des données chiffrées peuvent contribuer à dessiner les contours des pratiques. Un autre élément constitutif de cette histoire serait l'évolution importante des statuts des praticiens à travers le temps : derrière des figures soignantes apparemment stables, les profils changent en fonction de critères sociaux et culturels dont la dynamique nous échappe le plus souvent. Seule l'analyse de pratiques attestées permet d'en déterminer les aléas. L'existence de réseaux informels, qu'ils soient sociaux (domestiques, de voisinage) ou extérieures à la cité (les rites de guérison catholiques) est une autre variable qui doit être prise en compte. Il y en a d'autres, mais l'exhaustivité n'est pas l'objectif premier ici. L'essentiel demeure qu'il est possible de les identifier pour leur capacité à influencer la réalité de l'offre en suivant les pratiques des malades comme des soignants.

<sup>1</sup> R. Consistoire 55, mardi 31.03.1640, f° 111v. Voir aussi *ibid.*, 19.05.1640, f° 115v. Le Conseil n'est pas informé du cas.

<sup>2</sup> Par exemple le célèbre médecin Samuel Auguste Tissot recommande une poudre contre des vers intestinaux débitée par une veuve de chirurgien, dans RIEDER, Philip, « Médecins et patients », *op. cit.*, p. 41. Sur les relations entre charlatans et apothicaires, quelques pistes dans GENTILCORE, David, *op. cit.*, p. 121-122, 161-164, 247, *passim*.

## A DOENÇA NO DISCURSO QUEIROSIANO: QUADROS DO MAL DA ALMA E DO MAL DA NAÇÃO

Ana Teresa Peixinho

“Uma consciência clarividente demais, asseguro-vos senhores, é uma doença, uma doença muito real.”

NIETZSCHE

### Resumo

Num dos primeiros textos doutrinários de Eça de Queirós, «Uma Carta – a Carlos Mayer», publicado no folhetim da *Gazeta de Portugal* em 1867, o então jovem escritor partilha com o seu destinatário o seguinte: “Nós, meu amigo, somos uma geração desiludida por três revoluções, amolecida por uma invenção horrível (...) Quais podem ser as obras desta geração? Criações febris, convulsões cerebrais, idealistas e doentias, todo um pesadelo moral. (...) Qual vale mais, esta doença magnífica, ou a saúde vulgar e inútil, que se goza no clima tépido que vai desde Racine até Scribe? Eu prefiro corajosamente o hospital, sobretudo quando a primeira febre se chama Julieta e a última Margarida!” (Queirós, 2009: 92). A apologia da doença, entusiasticamente partilhada por Eça, deve ser, neste contexto, estreitamente relacionada com um estado anímico típico do comportamento romântico europeu, explorado até à exaustão sobretudo na poesia da segunda geração romântica portuguesa, sob o signo do exagero e do melodramatismo deliquescente.

Contudo, em romances posteriores, nomeadamente naqueles em que o escritor aparentemente se submete à norma realista e naturalista, são colocadas em cena muitas personagens, sobretudo aquelas cujo valor referencial e típico remetem para a caricatura do Portugal oitocentista, construídas sob o signo desta mesma doença, então já vista sob um outro olhar: a fragilidade de Pedro da Maia, a debilidade de Eusebiozinho, ambos contrastantes com a energia saudável de Carlos, em *Os Maias*, são exemplos paradigmáticos de como a doença romântica, tão veementemente defendida pelo então jovem escritor, será posteriormente utilizada como significado disfórico de composição de personagens de dimensão sociocultural declarada.

O presente texto pretende, assim, partindo de um confronto de textos queirosianos, problematizar a importância deste *topos* no imaginário romanescos, contextualizando-o e focalizando-o à luz da evolução estética de Eça. O que era esta doença tão românticamente evocada na *Gazeta de Portugal*? Em que medida a sua própria debilidade física não terá contribuído para intervir no modo como a perspetivava? Estas são questões de partida, que pautarão a nossa leitura.

### 1. Palavras prévias

Em 1867, com então vinte e dois anos, Eça de Queirós escreve o seguinte, naquele que é hoje considerado o seu primeiro texto doutrinário - «Uma Carta – a Carlos Mayer» - publicado no folhetim da *Gazeta de Portugal*:

“Nós, meu amigo, somos uma geração desiludida por três revoluções, amolecida por uma invenção horrível (...) Quais podem ser as obras desta geração? Criações febris, convulsões cerebrais, idealistas e doentias, todo um pesadelo moral. (...) Qual vale mais, esta doença magnífica, ou a saúde vulgar e inútil, que se goza no clima tépido que vai desde Racine até Scribe? Eu prefiro

corajosamente o hospital, sobretudo quando a primeira febre se chama Julieta e a última Margarida!” (Queirós, 2009: 92).

A apologia da doença, entusiasticamente partilhada por Eça com o jovem companheiro da geração de Coimbra, médico de formação<sup>1</sup>, deve ser, neste contexto, estreitamente relacionada com um estado anímico típico do comportamento romântico europeu, explorado até à exaustão, sobretudo na poesia da segunda geração romântica portuguesa, sob o signo do exagero e do melodramatismo deliquescente.

Contudo, em romances posteriores, nomeadamente naqueles em que o escritor, aparentemente, se submete à norma realista e naturalista, são colocadas em cena muitas personagens, sobretudo aquelas cujo valor referencial e típico remetem para a caricatura do Portugal oitocentista, construídas sob o signo desta mesma doença, então já vista sob um outro olhar: a fragilidade de Pedro da Maia, a debilidade de Eusebiozinho, o anacronismo de Alencar, todos eles contrastantes com a energia saudável emanada da educação proativa do promissor Carlos da Maia, em *Os Maias*, são exemplos paradigmáticos de como a doença romântica, tão euforicamente defendida pelo então jovem escritor, será posteriormente utilizada como significado disfórico de composição de personagens de dimensão sociocultural declarada, capazes de denunciar o estado de decadência de um país enclausurado em valores retrógrados e ideias anacrónicas.

Assim, partindo de um confronto de textos queirosianos, pretende-se aqui problematizar a importância do *topos* «doença», no imaginário romanescos do autor, contextualizando-o e focalizando-o à luz da evolução estética de Eça. O que era esta doença, tão romanticamente evocada na *Gazeta de Portugal*? Em que medida a própria debilidade física do escritor e o seu estado de doença crónica não terão contribuído para intervir no modo como a perspectivava?<sup>2</sup>

Eça de Queirós é um daqueles escritores cujo legado literário e cultural se presta a múltiplas abordagens e aos mais diversos enfoques. A riqueza e abrangência da sua obra tornam-na apetecível para, a partir dela, se dissertar sobre os mais diversos temas, mais ou menos distantes da literatura. Frequentemente, sobretudo quando se trata de motivos marginais e menores, essas abordagens resvalam para o campo do *fait divers* pitoresco, anedótico, para o terreno da pequena curiosidade e do pormenor, certo que aliciantes e apetecíveis, mas cujo alcance e interesse desmerecem a fortuna estético-cultural do escritor.

A tónica da doença é precisamente um desses temas, sobretudo se considerarmos a frágil condição física do escritor que, a ver pela sua epistolografia privada<sup>3</sup>, cedo começou a padecer de inúmeros problemas somáticos que conduziram à sua prematura morte. Por muito sedutora e interessante que pareça esta abordagem, a reflexão que aqui propomos não pretende explorar o filho biográfico, privilegiando, ao invés, o tratamento estético-narrativo e ideológico da doença, como tema, isotopia e signo atuante nas narrativas queirosianas.

<sup>1</sup> Carlos Mayer, um membro da geração do autor, seu colega em Coimbra que, no final do século integrará o grupo dos onze “Vencidos da Vida”, é das figuras menos conhecidas desta geração. Praticamente da mesma idade de Eça, nascido em 1846, formou-se em Medicina, na Escola Médica de Lisboa, apesar de se ter inicialmente formado em Filosofia em Coimbra, onde conheceu Eça e Antero. Foi, segundo António Zorro, “um desses belos espíritos multifacetados, dos quais se fica a conjecturar acerca do muito que nos poderiam ter legado se não se tivessem distribuído por tantas manifestações de atividade e, sobretudo, se houvessem tomado a vida um pouco mais a sério.” (Zorro, 1989: 160).

<sup>2</sup> Sobre a doença que vitimou Eça veja: Cruz, 2004.

<sup>3</sup> No artigo «Doenças I», Álvaro Campos Matos faz uma breve resenha de cartas particulares, em que Eça alude ao seu estado de saúde (Matos, 1993: 287-288).

A obra de Eça de Queirós, à semelhança do que ocorre noutras de seus contemporâneos, tematiza recorrentemente o tema da doença, glosando diversas isotopias<sup>1</sup> que permitem múltiplas focagens e perspectivas<sup>2</sup>. Importa, assim, desde já destrinçar duas vias de análise, igualmente prolicuas e que não ficarão esgotadas, seguramente, nesta abordagem: uma que lê a doença anímica, fortemente simbólica, de matriz ideológica romântica; outra, porventura mais interessante que esta, que perspetiva a ‘doença’, no sentido denotativo do termo, e que tem consequências narratológicas interessantes, nomeadamente na construção de algumas personagens e de certos cenários sociais.

## 2. Da doença simbólica: a “doença magnífica”

Num conhecido passo de *Os Maias*, Afonso da Maia, o respeitado patriarca da família, tece o seguinte comentário, a propósito da decisão de seu neto Carlos em cursar Medicina, contrariando a tradição que destinava aos jovens aristocratas o bacharelato em Direito: “Num país em que a ocupação geral é estar doente, o maior serviço patriótico é incontestavelmente saber curar” (Queirós, s/d: 89).

Além de traduzir um argumento de inteligência superior que destaca a exceção de Afonso, na galeria de personagens deste romance, estas palavras arrastam consigo implicações mais profundas, aqui matizadas pela opção humorística e desconcertante da cena dialogada<sup>3</sup>. Esta declaração de Afonso, para escândalo das velhas Silveiras, poderia constituir-se como subtítulo desta obra, pois a doença a que Afonso alude é a tradução metafórica do quadro sociopolítico desenhado e caricaturado em muitos locais desta narrativa, desde os mais conhecidos episódios de forte incidência social, até ao âmago da intriga incestuosa que acaba por preencher a substância grotesca da diegese (Monteiro, 1990). As cenas da vida romântica que compõem o mosaico de *Os Maias* evidenciam, de facto, como denominador comum, o tópico da doença anímica, expressivamente representada no diálogo entre Carlos e João da Eça, na última cena da narrativa:

“Uma comoção passou-lhe na alma, murmurou, travando do braço do Ega:

— É curioso! Só vivi dois anos nesta casa, e é nela que me parece estar metida a minha vida inteira!

Ega não se admirava. Só ali, no *Ramalhete*, ele vivera realmente daquilo que dá sabor e relevo à vida — a paixão.

— Muitas outras coisas dão valor à vida... Isso é uma velha ideia de romântico, meu Ega!

— E que somos nós? — exclamou Ega. — Que temos nós sido desde o colégio, desde o exame de latim? Românticos: isto é, indivíduos inferiores que se governam na vida pelo sentimento, e não pela razão...” (Queirós, s/d: 714).

A doença da degenerescência social e do sentimentalismo desarmado que afeta a maior parte das personagens da narrativa é olhada pelo velho Afonso com uma grande lucidez e distanciamento, levando-o a tentar proteger o neto da educação caduca, bafienta e

<sup>1</sup> Usamos o conceito de isotopia, tal como o definiu Greimas em *Sémantique Structurale*, no final da década de 60 do século XX: “Considerando-se *iteratividade* a reprodução, na cadeia sintagmática, de grandezas idênticas ou comparáveis, situadas num mesmo nível de análise, entende-se por *isotopia* a iteratividade de classemas responsáveis pela homogeneidade do discurso. O termo foi criado por A. J. Greimas e apareceu pela primeira vez em *Sémantique structurale* (1966).” (Quintela, s/d).

<sup>2</sup> A este respeito, leia-se um artigo de Carlos Reis, em que se apresenta o panorama da literatura portuguesa de Oitocentos que tematiza a doença e a medicina, enquadrando-as no Positivismo do século (Reis, 2006).

<sup>3</sup> A narração em *showing*, processo narrativo que anula a distância entre tempo diegético e tempo discursivo, é uma opção bem conhecida dos narradores de Eça que geralmente dela retiram certas consequências teatrais e humorísticas.

pouco esclarecida do Portugal de então, ao optar por um conjunto de decisões polémicas e pouco ortodoxas. Contudo, numa ágil construção trágico-cômica, o destino reserva a Carlos da Maia um desfecho semelhante: Ofélia Paiva Monteiro oferece, a este respeito, uma interessante leitura do substrato grotesco de *Os Maias*, sublinhando que as histórias das três gerações Maias ilustram, todas, a “endémica do sentimentalismo inerme, onde paixão e ideologia se reúnem como em *L'éducation sentimentale* de Flaubert, mostram na última delas a virulência mais grave da doença, já que aí ocorre o clímax aberrante do incesto, cometido por um jovem educado à inglesa para ser furtado aos malefícios da canhestrice beata da formação lusa, efetivamente geradora de Eusebiozinhos.” (Monteiro, 1990: 31).

Que doença será esta, então, que contamina o país, não poupando classes, grupos nem instituições? Poderemos lê-la como uma contingência portuguesa, típica de um país em estado de decadência permanente? Haverá, na ótica de Eça, alguém que escape a esta peste que parece estar inscrita no código genético da nação?

A prosa queirosiana, desde os primeiros textos de estreia na *Gazeta de Portugal*, ensaia a construção de espaços sociomentais propensos a este exercício de decadência anímica que, nos romances realistas, será aperfeiçoado e desenvolvido de um modo mais metódico. Imbuídos ainda de um lastro romântico inquestionável, os “folhetins bárbaros”, publicados nos anos de 1866 e 1867, fazem a apologia da doença, ilustrada pelo excerto supracitado de «Uma Carta». Inclusive, transpondo as fronteiras do ficcional, se lermos a descrição que Jaime Batalha Reis<sup>1</sup> faz do próprio jovem Eça, no momento de criação destes textos, conseguimos captar os mesmos tiques nervosos e a mesma atração pelo lado febril da vida:

“Não podia suportar poeira nas mãos e erguia-se amiúde da mesa para – interrompendo a composição, mas recitando em voz alta as frases já escritas – ir, cuidadosamente, lavar as pontas dos dedos. Fumava cigarros sem cessar, enquanto compunha, inclinado sobre o papel que olhava muito de perto. E, uma vez embebido nas suas criações, não falava, não escutava, não atendia a coisa alguma – embrulhando o cigarro, indo lavar as mãos ou fechar a porta, passeando pela casa, muito curvo, dando passadas altas e largas, fazendo gestos de dialogar com alguém invisível, resfolegando ruidosamente, abrindo muito os olhos, elevando e baixando nervosamente as sobrancelhas, as pálpebras e a rugas horizontais da testa, onde ondulava, convulsa, a sua madeixa corredia, negra e triangular”. (Reis, 2004: 170).

No tempo em que o Romantismo “estava nas nossas almas”, como Eça confia a Carlos Mayer, e em que até a encenação criativa era contaminada por essa atração romântica, mais literária e simbólica do que real, pelos estados febris e alucinados, Eça valoriza, nas suas narrativas ainda incipientes, todas as personagens marginais que, de uma forma ou de outra, se opõem ao materialismo da sociedade real: saltimbancos, poetas líricos, músicos, artistas. Todos almas sensíveis e todos descritos sob o signo da hipersensibilidade, da doença anímica, da alucinação. Assim é Estêvão Basco, o protagonista de «Onfália Benoiton», vítima do desajustamento social; assim é o saltimbanco ou o poeta lírico de «Farsas» ambos proscritos e miseráveis; assim é o “pobre moço” de «A ladra»<sup>2</sup>.

O lastro romântico que originou estas personagens em projeto manter-se-á na ficção da maturidade, em que todas as personagens conotadas com o Romantismo são identificadas com o topos temático da doença. Do poeta Alcoforado de *O Crime do Padre Amaro*, a Alencar de *Os Maias*, sem esquecer Ernestinho Ledesma de *O Primo*

<sup>1</sup> Referimo-nos ao prefácio que Batalha Reis escreveu para a primeira edição de *Prosas Bárbaras*, em 1903, por Luís de Magalhães, agora publicado na edição crítica de *Textos de Imprensa I* (Queirós, 2004).

<sup>2</sup> Título do primeiro fragmento de «Farsas» (Queirós, 2009).

*Bastlio*, todas eles são envoltos num halo lúgubre, traduzindo atitudes e valores que remetem para um certo fascínio pelo *locus romanticus*: desde a descrição física, cuidadosamente débil e teatral, até às atitudes excêntricas, tudo nelas aponta para um diálogo com o seu tempo, não em termos de cópia servil do real<sup>1</sup>, mas como componentes de mundos epistémicos que representam crenças, atitudes, valores e ideias de um tempo<sup>2</sup>.

Porém, através destas personagens, Eça acaba por valorizar a dimensão romântica desta *doença*, cujo testemunho mais eloquente se encontra na pervivência de Alencar ao longo da narrativa de *Os Maias*, figura que aparece e reaparece, ostentando, nas palavras de Carlos Reis, uma significativa “resiliência” que dá que pensar<sup>3</sup>. A pureza, a candura, a genuinidade de Alencar acabam por torná-lo uma personagem muito mais relevante e importante do que aparenta, sobretudo porque exposta em antítese com outros tipos, veiculando alguns sentidos valorizados do *mal romântico*. Através dele, é novamente enaltecida a “doença” romântica, embora de um modo menos entusiástico do que na década de sessenta, mais matizado e muito mais problemático.

### 3.A doença como social e política: a lição comtiana

Todavia, enquadrada num cenário de tematização social realista, esta doença é também um mal coletivo, partilhado geracionalmente, endémico ao país. A descrição do Largo de Camões ao Chiado, no final de *O Crime do Padre Amaro* é bem reveladora de um cenário social degenerado, inerte, mole, patético e doente:

“E com um grande gesto mostrava-lhes o Largo do Loreto, que àquela hora, num fim de tarde serena, concentrava a vida da cidade. Tipoias vazias rodavam devagar; pares de senhoras passavam, de cuja cheia e tacão alto, com os movimentos derreados, a palidez clorótica duma degeneração de raça; alguma magra pileca, ia trotando algum moço de nome histórico, com a face ainda esverdeada da noite de vinho; pelos bancos de praça gente estirava-se num torpor de vadiagem; um carro de bois, aos solavancos sobre as suas altas rodas, era como o símbolo de agriculturas atrasadas de séculos; fadistas gingavam, de cigarro nos dentes; algum burguês enfadado lia nos cartazes o anúncio de operetas obsoletas; nas faces enfezadas de operários havia como a personificação das indústrias moribundas... E todo este mundo decrepito se movia lentamente, sob um céu lustroso de clima rico, entre garotos apregoando a lotaria e a batola pública, e rapazitos de voz plangente oferecendo o *Jornal das pequenas novidades*: e iam, num vagar madraço. Entre o largo onde se erguiam duas fachadas tristes de igreja, e o renque comprido das casarias da praça onde brilhavam três tabuletas de casas de penhores, negrejavam quatro entradas de taberna, e desembocavam, com um tom sujo de esgoto aberto, as vielas de todo um bairro de prostituição e de crime”. (Queirós, 2000: 1033-1034).

Assinaladas a negrito, realçam-se as palavras que apontam para a descrição de uma sociedade doente, inerte e sem capacidade de se regenerar. Neste cenário, se passeiam, alheios a tudo, o Padre Amaro, o cônego Dias e o Conde de Ribamar, representantes da elite eclesiástica e política de um país a que chegavam ecos das convulsões europeias.

<sup>1</sup> A este respeito, é muito interessante a carta pública que Eça dirige a Carlos Lobo d'Ávila sobre a construção da personagem de Alencar demonstrando que a sua criatura não fora inspirada pelo poeta Bulhão Pato, como Pinheiro Chagas abusivamente o acusa, num artigo publicado no jornal brasileiro *Pais*. Veja-se: «Tomás de Alencar: uma explicação» (Queirós, 2009: 223-231).

<sup>2</sup> Sobre a capacidade representativa da figura de ficção, veja-se artigo de Carlos Reis, «Narratologia(s) e Teoria da Personagem» (Reis, 2006<sup>a</sup>: 9- 23).

<sup>3</sup> Citamos um texto do autor inédito, gentilmente cedido: REIS, C. (2011). «Figurações da personagem realista: os bigodes e os rasgos de Tomás de Alencar». Congresso Internacional “O Século do Romance. Realismo e Naturalismo na Ficção Oitocentista” (Coimbra, CLP/FLUC, 10 a 13.11.2011).

Um panorama degenerescente que poderia muito bem ser rotulado com uma breve descrição de «Onfália Benoiton»<sup>1</sup>:

“Hoje entre esta geração sonolenta, noturna, inútil, e fraca, homens entorpecidos pela retórica, pelos textos, pelas regras, que petrificam as livres palpitações do ser, que passam um traço negro sobre o ideal, que são os fechos da Bíblia humana, que são os sacristães da arte e os glorificadores de toda a víscera morta (...)” (Queirós, 2009<sup>a</sup>: 98).

Teria Eça lido Auguste Comte quando isto escreveu? É que a lição comtiana está aqui, bem ilustrada. O positivismo de Comte, na valorização da doença como fenómeno sociopolítico, perpassa nestes textos do autor, ecoando nas palavras do velho Afonso da Maia supracitadas. A doença queirosiana é, assim, sobretudo um fenómeno político e social que ultrapassa a mera sintomatologia fisiológica. A apatia moral, a indiferença, a infertilidade criativa, refletidas pelos cenários sociopolíticos das narrativas queirosianas, desde os esboços de contos da *Gazeta de Portugal*, até aos romances do final da sua vida, denunciam uma visão filosófica da doença, de matriz comtiana. Para Auguste Comte, doença e saúde são conceitos que devem, obrigatoriamente, suscitar leituras transversais e abrangentes, pois que são fenómenos sociais e de dimensão filosófica e política:

“Le véritable objet de la médecine comtienne serait donc de guérir la société de ses maux, davantage que de soigner une mécanique corporelle; la maladie qu’il considère au-delà de tous les symptômes individuels, c’est la maladie historique qui enfèvre l’occident depuis l’embranlement de l’équilibre féodal.” (Dupin, 2010: 3).

#### 4. Carlos da Maia: médico em projeto e a ironia do tempo

Nesta perspetiva positivista, o médico não poderia ser apenas o técnico cirúrgico que, dominando um conjunto de técnicas, resolveria problemas físicos. O médico comtiano, à semelhança de um sacerdote, deveria ser um homem excepcional, capaz de integrar o seu saber científico num âmbito filosófico mais alargado.

Nesta linha de raciocínio, parece-nos interessante explorar a vocação médica de uma personagem queirosiana: Carlos da Maia. Como já notámos, a escolha pela Medicina em Carlos provocou, na conservadora sociedade assídua nos serões de Santa Olávia, uma reação de estupefação e de incompreensão. Nos primeiros capítulos de *Os Maias*, o narrador descreve com algum pormenor esta vocação por parte do protagonista, menino educado fora dos padrões protetores e antiquados da educação portuguesa, amante da natureza e do lado prático da vida. Assim, cursar Medicina seria mais uma marca da exceção do protagonista, distinguindo-o da corrente nacional que reservava o bacharelato em Leis aos filhos de boas famílias. Opção, além do mais, apoiada por Afonso, que, como o próprio afirma, não o educa “para vadio, muito menos para amador: educo-o para ser útil ao seu país...” (Queirós, s/d: 88).

De facto, o narrador omnisciente explica a escolha de Carlos: “como em pequeno o tinham encantado as formas pitorescas das vísceras – atraíam-no agora estes lados militantes e heroicos da ciência.” (Queirós, s/d: 89). Fruto da educação progressista e liberal que o avô lhe proporcionara, a formação em Medicina era vista como um indicio de vida útil, prática e ativa. Contudo, já nesta visão projetiva da personagem se detetam marcas vividamente românticas e ideais que, no final, ditarão o seu fracasso, marcas aliás bem claras na descrição que o narrador nos deixa da montagem do seu consultório em Lisboa.

<sup>1</sup> Penúltimo folhetim publicado na *Gazeta de Portugal* em 1867. Presentemente, o texto encontra-se em: Queirós, 2009<sup>a</sup>: 95-106.

Carlos da Maia, médico em projeto, é vencido por marcas estruturantes que nenhuma educação conseguiria debelar: o esteticismo, o diletantismo e a dispersão, indícios de um Fradique *avant la lettre*, impedem-no de concretizar a missão de utilidade cívica que a formação em Medicina lhe poderia abrir.

A ironia suprema deste romance é, assim, conseguida através da construção do seu protagonista: educado e iniciado na vida social com um conjunto de instrumentos que lhe poderiam ditar o sucesso, Carlos perde-se e fracassa. Esta é a mensagem mais vívida do estado de um país doente, endemicamente doente, impossibilitado de se regenerar: a inviabilização do futuro profissional de Carlos da Maia é o símbolo de uma congénita vocação para o fracasso do próprio país. Mais do que a familiar “vocação para a desgraça” ou “espécie de maldição familiar”, o fracasso de Carlos da Maia deve ser entendido como um signo ideológico operante, denunciador do estado anímico, moral, político e social do Portugal oitocentista.

#### Bibliografia

- Buescu, H. C. (Coord.) (1997). *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Caminho.
- Cruz, I. (2004). *O caso clínico de Eça de Queirós*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Gastroenterologia.
- Dupin, F. (2010). «Réformer la médecine par la littérature: l’éducation des médecins dans la politique positive d’Auguste Comte». In: *Cahiers de Narratologie*. N.º 18. Consultado em março de 2012 em <http://narratologie.revues.org/5981>; DOI:10.4000/narratologie.5981
- Guerra da Cal, Ernesto, (1975), *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz – Apêndice Bibliografía Queirociana sistemática y anotada e iconografía artística del hombre y la obra*, Tomo 1º, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Guerra da Cal, Ernesto, (1976), *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz – Apêndice Bibliografía Queirociana sistemática y anotada e iconografía artística del hombre y la obra*, Tomo 2º, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Lima, Isabel Pires, (1987), *As máscaras do Desengano. Para uma abordagem Sociológica de «Os Maias» de Eça de Queirós*, Lisboa, Caminho.
- Magalhães, José Calvet, (2000<sup>a</sup>), *Eça de Queiroz. A Vida Privada*, 4ªed., Lisboa, Editorial Bizâncio.
- Matos, A. C. (Org. e Coord.), (1993). *Dicionário de Eça de Queiroz*. 2.ª ed. Lisboa: Caminho.
- Monteiro, O. P. (1990). «A poética do grotesco e a coesão estrutural de *Os Maias*». In: Reis, C. (Coord). *Leituras d’Os Maias*. Coimbra: Livraria Minerva, pp. 15 - 42
- Queirós, E. (2000). *O Crime do Padre Amaro*. Edição Crítica de Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha. Lisboa: INCM.
- Queirós, E. (2009). *Cartas Públicas*. Edição Crítica de Ana Teresa Peixinho. Lisboa: INCM.
- Queirós, E. (2009<sup>a</sup>). *Contos I*. Edição Crítica de Marie-Hélène Piwnik. Lisboa: INCM.
- Queirós, E. (s/d). *O Primo Basílio*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Queirós, E. (s/d). *Os Maias*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Queirós, E. (s/d). *Uma Campanha Alegre*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Quintela, R. (s/d). «Isotopia». In: Ceia, C. (s/d). *E-Dicionário de Termos Literários*. [http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com\\_mtree&task=viewlink&link\\_id=450&Itemid=2](http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=450&Itemid=2) (Consultado em março de 2012).



- Reis, C. (1997), *Eça de Queirós Consul de Portugal à Paris 1888-1900*, Paris, Centre Culturel C. Gulbenkian.
- Reis, C., (1999), *Estudos Queirosianos. Ensaio sobre Eça de Queirós e a sua Obra*, Lisboa, Presença, pp. 156-163.
- Reis, Carlos, (2002), «Eça de Queirós e a estética do pormenor», *Actas do Congresso de Estudos Queirosianos. IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Coimbra, Livraria Almedina, pp.13-30.
- Reis, C. (2006). «Nada de sustos: representações literárias da ciência e da medicina». In: Pereira, A.L. e Pita, J. R. (Coord.). *Miguel Bombarda e as singularidades de uma época*. Coimbra: IUC, pp. 23- 39.
- Reis, C. (2006<sup>a</sup>). «Narratologia(s) e Teoria da Personagem». In: Reis, C. (Coord.). *Figuras da Ficção*. Coimbra: CLP, pp. 9-23.
- Reis, J. B. (2004). «Na primeira fase da vida literária de Eça de Queirós». In: Reis, C. e Peixinho, A.T. (Eds). *Textos de Imprensa I (da Gazeta de Portugal)*. Edição Crítica da Obra de Eça de Queirós. Lisboa: INCM, pp. 165-198.
- Zorro, A. M. (1989). ), «Carlos Lima Mayer desmente Fialho de Almeida». In: A.A. (1989). *Os Vencidos da Vida*, Ciclo de Conferências Promovido pelo Círculo Eça de Queiroz, Lisboa, pp.155-165.

## UMA HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES DE SAÚDE: O PATRIMÔNIO CULTURAL DA SAÚDE DE MINAS GERAIS – BRASIL

Rita de Cássia Marques  
Anny Jackeline Torres Silveira  
Betânia Gonçalves Figueiredo

### Resumo

O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa desenvolvida, entre 2008 e 2011, sobre o patrimônio arquitetônico de instituições de saúde construídas desde 1808 a 1958, em Minas Gerais (Brasil). Foram elaborados 55 verbetes de instituições como hospitais, centros de pesquisa, escolas e órgãos públicos de três cidades que foram capitais do estado: Mariana, Ouro Preto e Belo Horizonte. Nos verbetes constam um histórico, a descrição arquitetônica, fotos e informações sobre tombamento ou não da instituição. A pesquisa também apresentou diagnóstico sobre os acervos que se encontram nessas instituições favorecendo o surgimento de novas pesquisas

### Introdução

O conceito de patrimônio que informa a execução deste trabalho fundamenta-se em uma percepção ampliada, apoiada no debate internacional mais recente referente ao tema e que tem possibilitado construir uma agenda de preservação que não se limita aos cuidados com os bens edificados. Trata-se de compreender a inserção dos homens e das mulheres nesses espaços, suas representações sociais, as construções de significados envolvendo a atividade profissional. Desse modo, foi possível elaborar e trabalhar com uma agenda de preservação do patrimônio histórico e cultural, iniciada nos anos 1960 e com ressonância em diversos países, na formulação e implantação de iniciativas de resgate da memória e de conscientização da sociedade sobre a importância desse patrimônio.

Nos anos 1980, cresceu o número de iniciativas de preservação dos suportes da memória e de valorização de seus vários modos de registro. Essas duas linhas de iniciativas apoiam-se na ideia do direito à informação como atributo fundamental ao exercício da cidadania. No caso do Brasil, é possível afirmar que, sob certos aspectos, o processo de redemocratização do país viabilizou a restituição de direitos civis e políticos, o que proporcionou condições favoráveis para inúmeras ações dirigidas à valorização e à preservação da memória e do patrimônio documental de vários segmentos sociais e profissionais no país. O mesmo movimento aconteceu em outros países latino-americanos, com a recuperação e a consolidação da liberdade de expressão e a ampliação da participação social, com repercussões na forma de se lidar com temas como memória e patrimônio.

No Brasil, constata-se inúmeras ações, especialmente a partir dos anos 1980, exemplificadas pelo desenvolvimento de áreas específicas do conhecimento no campo da saúde com a formação de profissionais e a produção de pesquisas nas áreas de história da saúde e de suas práticas, além das políticas de divulgação das ciências da saúde. Nesse sentido, é crescente o número de pesquisas abordando a história da ação de entidades profissionais, a trajetória dos espaços de formação (academias e escolas médicas), a produção científica, o percurso de personagens na área da saúde. Concomitantemente, cresce a necessidade de se preservar os diversos registros (documentos, edificações, práticas e padrões de procedimento) produzidos e desenvolvidos na área. Todo esse movimento inscreve-se – ao lado das pesquisas históricas – em um processo bem sucedido que hoje nos demanda maior integração e

